



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

6. EDUCAÇÃO E CULTURA

JOAO PESSOA, PB, 2 DE MAIO

AO RECEBER O DIPLOMA DE «DOUTOR
HONORIS CAUSA», NA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA PARAIBA.

Das Universidades que tenho tido a honra de visitar, é esta a mais nova. Constitui para mim motivo de satisfação saber que, pelo esforço e o entusiasmo conjugados de professores e alunos, supre valorosamente as desvantagens que poderiam advir da circunstância de ser a mais recente das nossas Universidades. Considero, pois, grato privilégio participar de reunião como esta que, além do convívio com o meio universitário, me oferece a oportunidade de dirigir-me aos Corpos Docente e Discente, ambos votados a trabalhos e estudos de alto interêsse para a Paraíba e para o Nordeste.

Estou bem informado sôbre o vosso idealismo, que representa grande força para vencerdes, em comum, as dificuldades inseparáveis da implantação de uma Universidade. Graças a isso, já estais integrados na própria vida da vossa região, deixando de ser um fenômeno isolado ou independente. O que significa estardes empreendendo a montagem paciente e segura de uma sólida infra-estrutura. A esta, seguir-se-ão, inevitavelmente, a expansão e o aperfeiçoamento da vossa jovem e laboriosa comunidade, cujo bom começo é o penhor do papel que ireis desempenhar na cultura e no progresso da Paraíba, sempre tão presente em todos os setores da vida intelectual do Brasil. Portanto, ao apresentar-vos as minhas congratulações pela obra já realizada, posso ressaltar que, embora recente a vossa Universidade, antiga é a cultura dos paraibanos.

Por tudo isso, não desejo perder tão feliz oportunidade para me dirigir aos estudantes, tratando de problemas que julgo atuais na vida universitária brasileira e certamente de importância para o seu desenvolvimento. Não é a primeira vez que o faço, e provavelmente não será a última, tanto guardo sempre presentes os problemas da juventude. No particular, aliás, não têm variado as minhas idéias quanto à medida em que precisam os estudantes participar, livremente, da vida política do país.

Há cerca de dois anos, dizia eu na Universidade do Ceará: «Uma Universidade não é um campo neutro, freqüentado pelos que têm gosto pelas delícias intelectuais, nem é apenas centro de formação de profissionais liberais, ou pesquisadores e professores. É muito mais do que isso. Representa um organismo vivo, em permanente e recíproca comunicação com os anseios e aspirações populares, que deve atender ou corrigir, quando necessário». E, tratando das relações entre professores e estudantes, acrescentava na mesma oportunidade: «Se ao professor não cabe fazer proselitismo com o objetivo de impor idéias ou ideologias, ao estudante compete não ficar a serviço de qualquer grupo, servindo por vezes de juguete nas mãos dos que desejam a subversão».

Bem vêdes, portanto, quanto estou distanciado da idéia de confinar o estudante, forçando-o a alhear-se da vida política do país. Nem podemos esquecer que, além de sermos uma nação jovem, somos um país de população extremamente jovem, que, dentro em pouco, estará influenciando decisivamente nos rumos da nacionalidade, cujos problemas e interesses deverá começar a conhecer. O importante, porém, é que, libertado de qualquer influência estranha à própria vida universitária, se revista o movimento estudantil de uma nota nítida de autenticidade. Por isso mesmo, quando se propala destinar-se o movimento estudantil a libertar o Brasil de uma ditadura e do jugo de um país estrangeiro, logo começamos a ver que, de mistura com o idealismo e a pureza da juventude acadêmica, ressumam interesses e objetivos nada brasileiros e nada estudantis. O que é tanto mais fácil de perceber quando se confessa pretender fazer da mocidade

acadêmica a correia de transmissão para acionar o operariado e outros setores da atividade nacional.

Onde, pois, a autenticidade dos movimentos maculados por aquelas indébitas intromissões? Além de constituírem concepção de forças estranhas e indiferentes à sorte dos estudantes, não são uma aspiração destes, nem se inspiram nas idéias que empolgam a quase totalidade da mocidade brasileira. Esta o que almeja é obter maiores e melhores oportunidades para adquirir conhecimentos que permitam valorizar o seu trabalho e vocações. E nesse sentido, mediante o carreamento de recursos cada vez mais amplos e melhor distribuídos através de seguro planejamento, tem-se orientado tôda a ação governamental. Daí não trazerem muitas das vozes que emergem daqueles falsos movimentos a tônica de verdadeiras lideranças de um movimento nacional de setores estudantis, mas, sim, o reflexo de um acionamento espúrio, há muito identificado em tôdas as partes do mundo, particularmente na América Latina. Onde, pois, a autenticidade de movimentos assim caracterizados?

Contra êles, porém, quem se deverá levantar em primeiro lugar são os próprios estudantes, por verificarem que representam principalmente motivo de perturbação para as legítimas atividades universitárias. Estudantes e professores, pois a êstes, pela experiência, autoridade e confiança que devem ter junto aos alunos, cabe mostrar a burla de que poderão ser as vítimas inocentes e indefesas.

Realmente, mais do que qualquer outro, é o professor o elemento mais adequado e mais autêntico para, ensinando, mostrar aos universitários a exploração de alguns em benefício de objetivos nada nacionais ou desejados pela mocidade estudiosa. De fato, conforme tive ocasião de anunciar no ano passado, perante o Forum de Reitores, «aos reitores e professores, graças a autêntica posição de liderança no meio estudantil, deverá caber a importante missão de tornar irrelevante, se não insignificante, a ação deletéria dos que se encontram, não a serviço da classe acadêmica ou das aspirações nacionais, mas inspirados pelo desejo de subverter e destruir. E tal posição de liderança sòmente será alcançada por aquêles que, pelo conhecimento, pela dedicação

ao ensino e também por indiscutida autoridade moral, forem capazes de se impor à estima, ao aprêço, e à admiração dos alunos».

Ao lado, portanto, da tarefa específica de ensinar as matérias a que se dedicam, toca aos professores a missão de preparar a juventude para as responsabilidades que terá amanhã na direção nacional. Preparo que não poderá ser feito pelo afastamento dos problemas nacionais. Pelo contrário, é recomendável que a mocidade sinta e compreenda êsses problemas no momento em que se apresentam e desenvolvem. Devem, porém, fazê-lo sem prejuízo da disciplina e da hierarquia indispensável às relações entre alunos e professores, e tendo as vistas voltadas para o Brasil, exclusivamente para os interesses brasileiros, e não a serviço de objetivos outros, como instrumentos de agitadores, que nada têm de comum com os legítimos e patrióticos impulsos dos universitários.

Não é êste o primeiro título universitário com que tenho sido honrado, na qualidade de Presidente da República. E, sempre que tal ocorre, busco penetrar nos motivos e na significação do gesto partido da assembléia de professores, pois sòmente compreendendo-os posso receber conscientemente o diploma que me é conferido. O que costumo fazer com sinceridade e humildade, pesando circunstâncias e fatôres. E não esqueço haver sido um antigo instrutor de jovens militares de nível universitário, e também de várias turmas de oficiais selecionados e preparados para os grandes comandos. Trata-se, porém, de uma página do passado e circunscrita aos limites da profissão das armas, da qual já me encontro afastado. Guardo, entretanto, bem nítida a lembrança do respeito que o instrutor tinha por sua função e a digna vinculação dêle aos seus alunos. Circunstância essa que me propicia meios para melhor perceber a seriedade que existe e que pusestes na vossa decisão.

Agora, no exercício da Presidência da República, tenho, no campo da educação, me esforçado sobremodo para tornar mais eficiente o ensino e contribuir para que a mocidade, dentro do plano da sua atividade, melhor se situe na vida nacional. Tenho, com freqüência, solicitado aos professores atuação mais ativa junto aos universitários, para que uns e outros mais se elevem no conceito e nas esperanças da Nação. E daí perguntar-me se tal

precedente influiu na vossa decisão ao outorgar-me o título de colega honorário. Se assim foi, eu o tomo como estímulo pelo que fiz, no imperioso cumprimento do meu dever, e pelo que deverei ainda fazer.

O discurso do Magnífico Reitor, tão generoso e marcado por tantas tonalidades cívicas, bem como o voto da Assembléia Universitária, dada a elevação, cultura e independência que os caracterizam necessariamente, constituem vivo desmentido à maliciosa balela da existência de qualquer restrição à livre manifestação do pensamento. As cátedras são livres, como livres são os estudantes para tôdas as reivindicações pertinentes às suas atividades universitárias, que, no entanto, precisam ser libertadas da coação de grupos facciosos e desejosos de estabelecerem verdadeiro clima de terror contra os que se recusam a ser seus instrumentos. Grupos que acaalentam o propósito de transformar interesses políticos e partidários, ou ideológicos, em aspirações e ideais da mocidade, a fim de tentarem transferir para o Govêrno a responsabilidade dos desatinos que ensaiam com insistência. Vós conheceis essa campanha e não será necessário que eu identifique onde se inserem as suas verdadeiras raízes, pois bem sabeis que estas estão bastante longe das Universidades e dos que se votam a ensinar ou aprender.

Por tudo isso, repito, o título que me conferistes, a exemplo do que fizeram outras Universidades, além de honroso, é para mim fonte de estímulo e confiança, pois representa a inequívoca afirmação de que devo e posso conviver convosco e com os vossos ideais, nesta Universidade.